

RAMOS, Maria Renilda Rodrigues Leal; LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. Trabalhando as variações de sentido do verbo *dar* no contexto da sala de aula. *Revista Intercâmbio*, v.XLVIII: 56-74, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

TRABALHANDO AS VARIAÇÕES DE SENTIDO DO VERBO *DAR* NO
CONTEXTO DA SALA DE AULA

WORKING WITH THE VARIATIONS OF MEANING OF THE VERB *TO GIVE*
IN THE CONTEXT OF CLASSROOM

Maria Renilda Rodrigues Leal RAMOS
(Universidade Federal do Piauí)
renildasomar@yahoo.com.br

Maria Auxiliadora Ferreira LIMA
(Universidade Federal do Piauí)
dora.fl@uol.com.br

RESUMO: Este estudo discute a importância de se abordar a polissemia na perspectiva de uma semântica construtivista no ensino de Língua Portuguesa. Para ilustrar esse tipo de prática, propomo-nos a analisar o funcionamento do verbo *DAR* no português brasileiro, considerando-se sua contribuição semântica para produção do sentido dos enunciados. Para tal trabalho, tomamos por base a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) com o objetivo de apontar práticas didáticas que contribuam para a exploração do sentido no ensino de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: TOPE; Enunciados; Verbo *dar*; Ensino; Língua Portuguesa.

ABSTRACT: *This study argues the importance to approach the polysemy in the perspective of a constructivist semantics in the Portuguese Language. To illustrate this kind of practice, it is proposed to analyze the functioning of the verb TO GIVE in the Brazilian Portuguese, considering its semantic contribution to the production of the meaning of the enunciations. For such work, it was used as basis the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE) with the aim of pointing didactic practices that contribute to the exploration of the meaning in the Portuguese language teaching in the final grades of elementary school.*

KEYWORDS: *TOPE; Enunciations; verb to give; Teaching; Portuguese Language.*

Introdução

Observamos que a abordagem sobre a semanticidade do verbo DAR se restringe à questão da transitividade no ensino de Língua Portuguesa, percebemos que os verbos são classificados em transitivos diretos ou indiretos com base em regras fixas, que pregam que a existência da preposição ou não existência dela entre o verbo e o complemento é suficiente para tal classificação. Não há discussão pelo viés do sentido. A partir dessa evidência, propusemo-nos a investigar como a gramática tradicional e os livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental veem a transitividade, uma vez que esta classificação dada *a priori* não dá conta da pluralidade e da polissemia do lexema verbal.

Nessa esteira, este estudo visa refletir sobre o ensino de língua materna através de ensino de análise linguística sobre verbo DAR. Para isso buscamos outras estratégias de ensino e aprendizagem da unidade lexical em questão que não sejam pautadas somente nas abordagens da gramática tradicional e do livro didático, mas que orientem o docente a desenvolver um ensino de gramática a partir de análise linguística de base semântica construtivista.

Nesse sentido, apoiamo-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) a fim de estudar o lexema verbal DAR. A TOPE considera a língua em funcionamento, isto é, a língua em uso com o objetivo de estudar a atividade de linguagem. Interessa a essa teoria observar como a atividade de linguagem (capacidade humana de construir significação) é construída. Para a TOPE as unidades linguísticas são marcas de operação dessa atividade de linguagem.

A teoria observa que a significação acontece com base na situação textual: o contexto e o cotexto. Isso implica lembrar que o cotexto evoca um contexto que, por sua vez, só se efetiva dentro de um enunciado e de uma dada situação. Assim, não existem sentidos prontos, mas sim resultados de combinações específicas entre os termos no enunciado; daí se depreende que os valores são construídos no e pelo enunciado, uma vez que a unidade lexical (verbo DAR) sozinha não é responsável pelo sentido de um enunciado.

É neste eixo que propomos o estudo do lexema verbal DAR com base na TOPE, construída pelo teórico francês Antoine Culioli, que corresponde a uma teoria da enunciação, na medida em que toma como objeto o próprio enunciado, considerado como produto de um processo de agenciamento de formas. Assim considerado, o enunciado é, portanto, o produto das operações realizadas por cada marcador linguístico. Estamos assim em um domínio de perspectiva construtivista, a qual defende que o sentido é construído pelo material que lhe dá corpo. Segundo Franckel (2011), uma dificuldade maior da abordagem

construtivista está vinculada à atomização, isto é, a necessidade de multiplicar as análises da ocorrência de uma determinada marca linguística. Este caráter atomista requer a análise de cada cotexto da ocorrência da unidade lexical nos enunciados aos quais esta se integra a fim de observar o papel específico que a unidade linguística desempenha. Ao fim das análises dos enunciados, almeja-se encontrar identidade da unidade linguística que responda pela diversidade de empregos desta marca.

Partimos da premissa básica de integração entre cotexto e contexto para analisarmos a construção de sentido do verbo DAR em diferentes enunciados.

Adotamos uma reflexão subsidiada por alguns princípios teóricos da linha culioliana dentro da questão do sentido, isto é, partimos de princípios básicos de integração cotexto e contexto para analisarmos a construção de sentido do verbo DAR em diferentes enunciados. Como dissemos, consideramos o princípio de que o sentido lexical é sempre construído no e pelo enunciado por meio de uma dinâmica de interação entre as unidades linguísticas que compõem um enunciado. Isso significa que não se concebe o sentido como inerente a determinada unidade, pois para TOPE não há sentido inerente ou primeiro como a noção recorrente de polissemia sustenta.

Para TOPE, os sentidos atribuídos a uma unidade são sempre decorrentes da interação estabelecida entre o cotexto e o seu contexto. Cabe esclarecer que cotexto é o próprio ambiente linguístico, o que está no enunciado. Este cotexto desencadeia o contexto. Assim, não é o contexto que determina a sequência da forma, mas a sequência aponta o contexto. Nessa esteira, seguiremos uma linha de investigação sob o viés construtivista, no qual a enunciação é concebida como um processo de constituição de sentidos. Analisaremos 12 enunciados, destacando as variações de sentidos construídas de acordo com o cotexto em um movimento que prescreve um termo sempre em relação a outro, uma vez que nenhum elemento assume um valor sozinho.

1. Suporte teórico

Sobre a TOPE é de fundamental importância destacar o fato de que para essa teoria, o objeto da linguística é a atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas e dos textos. Dessa forma, Culioli propõe a articulação entre linguagem e línguas, pois é por meio das línguas que se apreende a faculdade da linguagem. Isso pode ser evidenciado nas próprias palavras de Culioli:

Eu insisto sobre os dois pontos: de um lado, eu digo que o objeto da linguística é a atividade de linguagem (ela própria definida como operações de representação, de referenciação e de

regulação); de outro lado, eu digo que essa atividade nós só podemos apreender, a fim de estudar o seu funcionamento, através de configurações específicas, das organizações em uma língua dada. A atividade de linguagem remete a uma atividade de produção e reconhecimento de formas, ora, essas formas não podem ser estudadas independentemente dos textos, e os textos não podem ser independentes das línguas. (CULIOLI, 1990: 14)

A teoria de Culioli é considerada uma teoria da enunciação na medida em que toma como objeto o próprio enunciado e visa à descrição e à explicação dos fatos linguísticos através de marcadores linguísticos por meio da teoria dos observáveis, que parte da classe de fenômenos linguísticos observados, isto é, parte dos dados empíricos para análise. Essa teoria trabalha com a manipulação dos dados, ou seja, construir e desconstruir os dados para encontrar valores diferentes, pois eles não são fixos, uma vez que a atividade de linguagem é entendida como atividade dupla, de construção e reconstrução de significação.

O lexema verbal DAR possui uma diversidade de sentidos, daí depreende-se seu caráter polissêmico, que em abordagens tradicionais considera um sentido primeiro, aspecto não admitido em uma perspectiva construtivista à luz da TOPE, que por sua vez, entende que a unidade de uma forma linguística não se define por qualquer sentido base, mas pelo papel específico que alcança nas interações de sentidos que ocorrem no enunciado. Quanto à sinonímia lexical, cuja função é a de abordar a relação entre as palavras dentro de um contexto, denominada identidade de significação não tem sustentação com base na teoria culioliana, pois esta considera que os sentidos são construídos, não ocorrendo combinações exatamente iguais. Nesse sentido, percebemos que, à medida que um enunciado se torna passível de interpretação, ativa-se um dos contextos potenciais, o que significa que há mais de um contexto que pode ser efetivado.

Segundo Valentim (2007), a polissemia pressupõe um tratamento lexicográfico clássico, pois os termos linguísticos seguem uma abordagem que considera possuir em si mesmos, um ou mais significados que aparecem numa lista finita de empregos. Em contrapartida, seguindo a esteira da análise enunciativa, podemos formular problemas que afetam a definição de polissemia de acordo com a abordagem normativa da língua, questionando sua operacionalidade. Ainda de acordo com a autora, este conceito de polissemia é facilmente contestável em virtude da modificação de um único elemento de seu contexto linguístico (cotexto) sendo suficiente para que o valor de uma unidade se modifique por meio da semântica construtivista. O que é confirmado nas palavras de Valentim:

a dinâmica interna à própria linguagem é da ordem da interação, a possibilidades de interpretação de qualquer enunciado e das unidades que o engendram decorrem dessa dinâmica de interação. Por outro lado, esta dinâmica de interação entre cada unidade e o seu cotexto é uma construção que implica uma dependência recíproca: a significação associada a cada unidade depende do cotexto de ocorrência e a significação global do enunciado depende da rede de relações de dependência recíproca entre as unidades que o compõem. (VALENTIM, 2007:13)

Com base na citação acima e fazendo analogia com as sequências da autora, vejamos as seguintes sequências: *o tempo passa, o ônibus passa, o inverno passa, a notícia passa* – cuja significação, ainda que com recurso da mesma forma (verbo passar) há uma variação de acordo com a natureza semântica da palavra que antecede. São associáveis a estas sequências, respectivamente: uma noção sem retorno, uma noção de movimento, uma noção de finalizar e uma noção ultrapassada.

Quanto à forma linguística, ela não é definida como um sentido base ou primeiro, pois a sua identidade é construída nas interações constitutivas dos sentidos dos enunciados em que ocorre, uma vez que o sentido é apreendido por meio das relações de interação, ele é inteiramente construído. Dessa forma, a própria unidade linguística não possui um sentido que lhe é próprio que depende da organização e arranjo das unidades da língua nos enunciados, bem como da entonação.

A linguagem é considerada apenas por meio do que as formas permitem dizer. Segundo Franckel (2011), a linguagem não é reprodução ou codificação de um referente, ela constrói valores referenciais que correspondem a enunciados, que não repousam em nenhum outro elemento de estabilidade além do que a enunciação pode construir.

Nesta esteira, seguimos a linha de que ao se falar em operações de linguagem tratamos diretamente da atividade languageira, pois esta constrói os valores referenciais que nem são dados e nem são inerentes às formas. Acerca dessa temática, Franckel (2011:44) pontua que o valor referencial do enunciado não é um dado, mas algo construído. Isso significa que o arranjo de formas que o materializa remete, não a valores, mas às operações de constituição do valor referencial. “Estudar a enunciação é, portanto, estudar as modalidades de constituição desse valor”.

Vale assinalar que a significação não está centrada nas unidades linguísticas, pois a metodologia da TOPE se baseia na observação e manipulação de dados empíricos que desencadeiam as operações de constituição do valor referencial.

Na ótica de Franckel (2011), em uma abordagem construtivista, o sentido é considerado como determinado e construído pelo material verbal que lhe dá corpo, ou seja, pelas unidades da língua organizadas segundo regras sintáticas e entonativas, e acrescenta que a linguagem

constitui uma forma de pensamento. Assim, na abordagem construtivista os instrumentos de análise e de raciocínio são elaborados a partir dos observáveis e que só se apreende o sentido ao fazê-lo circular, uma vez que cada forma só diz, rigorosamente o que ela diz.

Quanto ao aspecto da estabilidade, o estável é, sempre e necessariamente, o produto de processos interativos regulados de estabilização. Os sentidos decorrem de valores referenciais construídos por meio da teoria dos observáveis. Isso significa que o valor referencial de um enunciado é o produto de operações que se materializam pelas unidades das línguas e por meio de suas organizações. Na constituição do valor referencial, a plasticidade de sentidos é constitutiva da palavra, isto é, a identidade só se define por meio de fenômenos dos quais decorrem os diferentes tipos de interação da palavra com o cotexto. Vale acrescentar que a estabilidade é relativa e provisória.

Vale ressaltar que as análises desenvolvidas neste estudo confirmam que o cotexto nem sempre é suficiente para dar conta do sentido de uma unidade lexical, pois uma mesma sequência pode corresponder a enunciados distintos. E uma mesma unidade lexical como, por exemplo, o verbo DAR, inserida em um mesmo cotexto assume sentidos distintos em função do contexto que a sequência estabiliza. Para ilustrar a primeira situação, podemos citar a seguinte sequência: "o bolo está bom". Esta sequência pode desencadear vários sentidos: um primeiro que está associado à noção de bolo assado, portanto, o bolo está pronto; um segundo sentido que pode ocorrer quando alguém experimenta uma fatia do bolo e conclui que ele está bom; e uma terceira situação em que o bolo, mesmo feito há alguns dias, não está estragado, mas continua adequado para o consumo. Percebemos, assim, que o cotexto, isto é, a própria sequência (o bolo está bom) correspondeu a enunciados distintos.

Vejamos enunciados com o verbo DAR inserido em um mesmo cotexto: "O amigo deu uma volta na sua companheira" e "O amigo deu uma volta com sua companheira". A sequência *o amigo deu uma volta* sofreu alteração de sentido por conta da mudança de um único termo, situado à direita de cada enunciado (na, com). No primeiro enunciado (dar uma volta) está associado à noção de enganar, já o segundo, está associado à noção de passear.

Sabemos que todo elemento do cotexto é deformável e polissêmico, portanto, suscetível de adquirir vários valores. Assim, percebemos que não é mais possível atribuir um valor semântico estável e autônomo, pois a variação das unidades com seu entorno é que se perfaz como constitutiva da identidade dessa unidade. Uma vez que o sentido de uma unidade lexical não se estabelece por si só, mas a partir das relações que ela mantém com os demais termos que a circundam no enunciado, ou seja, no ambiente textual em que se encontra inserido.

Franckel e Paillard (2011) postulam que a forma esquemática de um item lexical é um polo de regulação das integrações com os elementos de seu ambiente, necessários para o seu funcionamento (o cotexto). Nesse sentido, considera uma forma, pois é suscetível de adquirir vários valores e não corresponde mais a abstração de uma invariância a partir da variação, mas busca evidenciar os princípios reguladores da variação, que se embasará no fundamento.

É importante ressaltar a questão da forma esquemática (FE), este modelo tem como tese fundamental que a variação das unidades pode ser reportada a princípios regulares, isto é, a variação do sentido de uma palavra se dá em planos de variações conduzidos por uma organização regular. Dessa forma, descobre-se que a interação da palavra com seu cotexto provém de uma regularidade. Nas análises trataremos desta questão.

2. Metodologia

Neste prisma, analisamos o significado de um enunciado construído por meio de modulações de sentido, evidenciando o diálogo dessas modulações entre si e com um determinado conteúdo predicativo. Vale ressaltar que, mesmo que em outras literaturas, o verbo DAR seja considerado como verbo suporte, a teoria na qual embasamos nossas análises não segue a concepção do verbo suporte, isto é, não trabalha nessa perspectiva. A TOPE se embasa no fundamento de que a procura de sentido não está no produto acabado, mas nas inúmeras significações a que um enunciado chega ao proliferar sobre si mesmo.

Portanto, retomando a postura teórica adotada, que elege como foco central que os sentidos não são preestabelecidos, mas, sim construídos no e pelo enunciado, ancorados em um viés construtivista, analisaremos o papel do verbo DAR nos enunciados por meio das marcas inseridas. Com base nesse pressuposto, Franckel (2011:49) postula que "o sentido de uma sequência só aparece por meio do enunciado contextualizado que ela permite constituir, o sentido de uma unidade não existe por si só, manifestando-se apenas por meio de sua função integrativa". Nesse contexto, partiremos para as análises da construção de sentidos do verbo DAR nos enunciados, evidenciando, sobretudo, os aspectos da cotextualização e do contexto.

3. O ensino da língua portuguesa pelo viés da semântica construtivista

Em que pese a relevância do fracasso escolar na área de língua portuguesa, este fracasso é permeado por várias causas: através dos demonstrativos negativos das avaliações externas em nível de Brasil, da evasão escolar, do alto índice de reprovação, desinteresse dos alunos,

professores desmotivados, níveis baixíssimos de aprendizagem, dentre outros. Os problemas de ordem curricular e pedagógica, sobretudo na área de linguagem, têm um peso para os protagonistas do contexto escolar: alunos e professores, pois os mesmos não têm alcançado um ensino que prima pela qualidade da aprendizagem.

No nosso cenário educacional nos deparamos com alunos e professores sem horizontes na busca de um ensino-aprendizagem eficaz. Mesmo contando com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1998 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, estes documentos não foram recebidos, pela maioria dos professores, como instrumentos que colaborem para o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem que é orientado por meio dos objetivos e habilidades que devem ser desenvolvidos nas diversas áreas de ensino da educação básica, pois muitos professores sequer conhecem a literatura desses documentos, como também não demonstram interesse em discuti-los por meio de cursos de formação permanente. Dessa forma, continuam trabalhando apenas com o auxílio do livro didático, abordando os gêneros textuais, primando pelos seus aspectos estruturais, uma vez que não desenvolvem a leitura/escuta, produção de textos e trabalham a análise linguística separada do texto, como unidades gramaticais com uma classificação de abordagem especificamente tradicional.

Os alunos da educação básica precisam desenvolver uma aprendizagem que prime pela construção de sentidos com base na relação de localização entre os termos, acesso à leitura/escuta, produção de textos e análises linguísticas feitas em conjunto, bem como em uma relação interdisciplinar com as demais áreas do conhecimento que viabilizem o ensino e aprendizagem de forma efetiva. Como o nosso foco é o ensino da análise linguística com base em textos e enunciados de preferência produzidos pelos próprios alunos, devemos, portanto, levar em conta as realizações empíricas dos nossos alunos na construção de seus textos e enunciados, por meio de práticas didáticas que viabilizem o desenvolvimento de um projeto de linguagem que considere o contexto, mais precisamente, as unidades linguísticas e o cenário enunciativo por eles convocados na construção da enunciação no contexto da sala de aula.

Existem caminhos que a educação básica precisa seguir, fugindo da polarização de um ensino com base na memorização, alcance de notas para aprovação e um nível de aprendizagem fora dos parâmetros que garantam a aprendizagem.

Considerando a importância da linguagem à formação dos indivíduos, nesse sentido, refletiremos a abordagem de ensino dada ao lexema verbal DAR, de forma a levar o aluno a compreender a funcionalidade do conteúdo em estudo. Parece-nos relevante desenvolver uma abordagem do lexema verbal DAR que não se funda sobre a determinação de um valor de referência definido como primeiro,

prototípico a qual os outros valores estariam ligados por diversos processos que primam pela hierarquização dos empregos, mas sim ver o papel representado por esta unidade nas construções em que ela aparece, isto é, nos valores observados, pois não deve corresponder a um núcleo sêmico, nem a um significado principal ou de referência. Ademais, na abordagem culioliana, é por deformação de uma forma de base que o sentido se elabora. Essa abordagem não procura identificar um núcleo estável, pois na visão de Culioli os fenômenos linguísticos formam sistemas dinâmicos que são regulares, mas com uma margem de variação devido a uma grande diversidade de fatores: os fenômenos são estáveis e plásticos e a estabilidade é passageira, não é imutável.

Para a realização desta atividade, observamos a construção de sentidos do verbo DAR, em 12 ocorrências que foram retiradas do *corpus* do português (base de dados que tem palavras de quatro línguas, dentre elas o português), do *Google* e de alguns enunciados elaborados por nós falantes. Nesse sentido, discutimos como se constroem os valores semânticos de ocorrências do verbo DAR, em seguida agrupamos os enunciados que têm uma certa proximidade de valores semânticos, por conseguinte a busca de identidade de sentidos do verbo por meio do quadro teórico-metodológico da TOPE, ao final, apresentamos uma proposta didática que trabalha a manipulação dos dados. O objetivo é mostrar o funcionamento enunciativo do verbo DAR, para além das acepções atribuídas ao verbo pelo dicionário Priberam da Língua Portuguesa, uma vez que este não explica os cotextos em que são empregadas as acepções apreendidas como semanticamente próximas e nem explicita o desencadeamento de cenas enunciativas únicas, em cada construção de sentido.

4. Análises do verbo DAR nos enunciados do *corpus* de português, do *Google* e exemplos nossos

Para realização das atividades de análises, apresentamos os enunciados com ocorrências que nos permitem analisar o funcionamento do verbo em estudo. A abordagem a seguir pode ser implementada no ensino de língua portuguesa, em um contexto da sala de aula, que pode desenvolver outras estratégias de ensino acerca da polissemia, que se distanciem da perspectiva que categoriza um sentido primeiro, prototípico.

A partir dos enunciados analisados de acordo com as situações textuais, ou seja, contexto e cotexto, pode-se desenvolver o ensino do verbo DAR em uma abordagem polissêmica com base na perspectiva da semântica construtivista em um contexto da sala de aula.

- 1- **Dei um tapa** na minha namorada, acho que estou doente. (*Google*)
- 2- **Dei um tapa** no meu visual. (*Google*)

Nesses exemplos, é possível perceber uma diversidade de sentidos do verbo DAR. No contexto da sala de aula, a abordagem em uma perspectiva de sentido construído com base no contexto nos leva a explicitar que no exemplo 1, percebemos que o valor semântico do verbo DAR corresponde a um efeito de ação física, isto é, a emissão de uma ação agressiva, que parte de um sujeito ativo (argumento 1) em direção a uma pessoa que recebe a ação (argumento 2). O termo - um tapa - nessa ocorrência imprime o sentido de uma ação agressiva, que é possível engendrará-lo a partir do termo que está à direita: na minha namorada (argumento 2), agente passivo que recebe a ação agressiva do agente ativo (argumento 1) ao efetuar ou aplicar ação.

Já no exemplo 2, mesmo a ocorrência se efetivando por meio semelhante no início do enunciado "Dei um tapa no" nesta acepção, o verbo evoca o sentido de alteração de um estado para outro, isto é, imprime uma mudança, mudar o estilo, ficar poderosa, mudança física, atribui um novo aspecto, mudança na imagem, dar um *upgrade*. Nesta acepção percebemos que há uma ação que não é aplicar uma agressão, mas promover ou aplicar uma mudança de um estado inicial (o antes) para um estado final (o depois). Dessa forma, o *dar* um tapa no visual corresponde a uma mudança de imagem, que só é possível perceber em virtude do termo que fica à direita (no visual) de: "dei um tapa". Neste sentido, evidenciamos que é o argumento 2, que fica à direita: "no meu visual" é responsável pela evocação de um novo sentido para os termos, "dei um tapa".

No primeiro exemplo, o termo à direita (argumento 2): "na minha namorada" desencadeia o sentido de aplicar, promover uma agressão física. Diferente do segundo exemplo, em que o termo à direita da expressão "dei um tapa" corresponde: no visual, este termo altera o sentido do verbo DAR, por conta do contexto no qual está inserido, expressando uma mudança de estilo, isto é, fazer uma ação sobre alguém para alterar a aparência e não a aplicação de uma ação agressiva como ocorrida no primeiro exemplo. Dessa forma, evidenciamos que, nos exemplos 1 e 2, os termos "na minha namorada" e "no meu visual" são responsáveis pela alteração de sentido.

3. **Dei uma olhada** na criança. (Exemplo Nosso – doravante EN)
4. **Dei uma olhada** no carro. (EN)

Em uma estratégia de ensino e aprendizagem em sala de aula é possível a partir desses exemplos, respaldados em uma perspectiva construtivista, demonstrar que no exemplo 3, o termo à direita

(argumento 2) “na criança” corresponde a uma marca que perpassa o sentido semântico de cuidar, observar. No exemplo 4, a marca à direita (argumento 2) “no carro”, imprime o sentido de vistoriar, observar o que há de errado e de cuidar. Dessa forma, o verbo DAR, em cada enunciado corresponde a um sentido diferente, embora o argumento 1 não tenha sofrido mudanças em nenhuma das ocorrências, percebemos que o que se altera nos enunciados seja apenas o termo que está à direita, isto é, o argumento 2 de “dei uma olhada” (nos exemplos 3 e 4).

Buscando um estudo mais aprofundado dos exemplos elencados nos enunciados 3 e 4, depreende-se as possibilidades de outros sentidos serem engendrados nestes enunciados. No exemplo 3: “Dei uma olhada na criança”, além de corresponder a observar, cuidar, num ambiente em que um amigo ou vizinho nos solicitou que déssemos uma olhada na criança, pois ele estaria ausente. É diferente da situação em que, por exemplo, a criança está brincando num determinado parque ou praça, e um senhor olha para uma criança de forma maldosa, isto é, com desejo. Nesta situação entra a questão da entonação que se imprime no enunciado. Como a ocorrência se deu em um outro cenário, o enunciado assumiu um novo sentido. No exemplo 4 “Dei uma olhada no carro” pode nos levar a outro sentido, que não seja somente o de vistoriar, ver o que há de errado; mas o de apreciar o carro, quando alguém resolve comprar um carro e antes da escolha, faz uma apreciação.

5. O atleta **deu um salto** na competição. (*google*)

6. O atleta **deu um salto** na sua carreira. (EN)

Nos exemplos 5 e 6, percebemos que os enunciados sofrem alterações somente ao final, ou seja, no argumento 2. Em ambos os enunciados aparecem no argumento 1 “O atleta deu um salto” e ocorrem alterações no argumento 2, que fica à direita do verbo DAR. No exemplo 5, a marca colocada à direita dessa ocorrência é “na competição”, que imprime o sentido de desenvolver uma certa atividade, fazer uma atividade que faz parte de um quadro de competição. Já no exemplo 6, a marca colocada à direita é “na sua carreira” e neste enunciado, o sentido evocado pelo verbo DAR imprime o sentido de progredir, alcançar novos espaços, houve mudanças de uma situação anterior: inferior para uma situação posterior: superior. Nas duas ocorrências, a mudança de sentido se dá em virtude do argumento 2.

7. O jovem **deu um pulo** na competição. (*google*)

8. O jovem **deu um pulo** no banco para resolver um problema de débito automático. (Corpus do Português)

Nos exemplos 7 e 8, o verbo DAR confere acepções diferentes. O exemplo 7 corresponde a uma ação física, isto é, o verbo DAR evoca o sentido de desenvolver uma atividade física, mas pode corresponder, também, a aparecer na competição, comparecer ao evento. É possível constatar essas mudanças em virtude do argumento 2, colocado à direita do verbo DAR.

No exemplo 7, percebemos a possibilidade de dois sentidos de acordo com o cenário em que o enunciado é inserido. Para a ocorrência do primeiro sentido: numa dada situação, alguém pode perguntar acerca da modalidade que a pessoa irá praticar para participar daquela competição; na segunda ocorrência, a marca do verbo prova que é possível se imprimir um outro sentido e que a ação ocorreu por conta de uma situação diferente da primeira, neste caso, a pessoa pode ser questionada acerca do seu comparecimento no evento.

Já no exemplo 8, o verbo DAR evoca o sentido de comparecer ao local, de aparecer por um breve período, de forma rápida para solução de uma pendência, situação que não requer muito tempo, esta ocorrência não dá margem a outra possibilidade por meio do argumento 2, como a de promover uma ação física, pois neste caso, o valor semântico evocado tem relação com comparecimento.

9. **A professora dá** português e latim. (*google*)

10. **O enfermeiro já deu** o medicamento ao doente. (*google*)

Nos exemplos 9 e 10, o verbo DAR evoca o sentido de ministrar tanto as aulas quanto o medicamento. No exemplo 9, ministrar equivale a ensinar, pois o valor semântico do verbo depende do restante do enunciado, isto é, o argumento 1 "a professora" evoca o sentido do verbo DAR equivalente a ministrar aula.

No exemplo 10, ministrar imprime, também, o sentido de administrar o medicamento, ou seja, fazer tomar. Há um sujeito agente e um sujeito paciente, nesse caso o verbo DAR corresponde a ministrar o medicamento por conta do argumento 1 "o enfermeiro", e do argumento 2 "ao doente".

11. O cheiro do churrasco me **deu água na boca**. (*google*).

12. A enfermeira **deu água na boca** do doente. (EN)

Nos exemplos 11 e 12, evidenciamos acepções diferentes acerca do verbo DAR com o complemento "água na boca". No enunciado 11, o sentido de "água na boca" corresponde a sentir vontade ou desejo por algo. O que provocou essa sensação foi o termo que vem à esquerda do verbo DAR (argumento 1) "O cheiro do churrasco", que evoca o sentido desejo, vontade, apetite. Nesse sentido, é possível percebermos que "o

cheiro do churrasco” provocou a vontade de comer algo específico, que abre o apetite e desencadeia no excesso de saliva acumulada na boca, resultante dessa vontade e apetite.

Já no exemplo 12, o verbo DAR evoca um sentido diferente, pois equivale a uma ação de um sujeito agente “a enfermeira” (argumento 1), para um sujeito paciente que recebe a ação de dar água na boca, no caso “o doente” (argumento 2). Nesta ocorrência, tanto o termo à esquerda (a enfermeira) quanto o termo à direita (do doente) nos remetem para o sentido de uma ação e não de um desejo ou vontade. A marca do verbo que provoca a ação ocorreu sobre a pessoa: o doente.

Enfim, podemos perceber a forte polissemia em torno do verbo DAR. No entanto, só foi possível evidenciar o papel do verbo DAR em alguns enunciados que foram elencados neste trabalho, uma vez que o verbo em estudo, como a maioria dos verbos, tem caráter polissêmico.

As ocorrências analisadas em cada enunciado nos levam a apresentar as possibilidades de proximidades de valores semânticos em relação ao verbo DAR:

GRUPO 1 – O argumento 2 (termo à direita) é quem define o sentido do verbo DAR nos enunciados.

Nos exemplos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, verificamos que o argumento 2 é responsável pelo sentido apreendido pelo verbo DAR. Uma vez que o argumento 1 “dei um tapa” imprime sentidos diferentes de acordo com o contexto e cotexto. Retomaremos alguns exemplos já analisados para melhor esclarecermos:

1. **Dei um tapa** na minha namorada, acho que estou doente.
2. **Dei um tapa** no meu visual.
3. **Dei uma olhada** na criança.
4. **Dei uma olhada** no carro.

Nos quatro exemplos, podemos verificar que o sentido do verbo DAR se fez por meio do argumento 2, uma vez que o argumento 1 nos exemplos 1 e 2, 3 e 4 foram mantidos sem alteração, já o argumento 2 foi o termo responsável pelo sentido do verbo em estudo.

Nos exemplos 1 e 2, o que imprime o sentido do verbo DAR é o argumento 2. No exemplo 1, o argumento 2 evoca o sentido de agressão física, isto é, há uma ação de X sobre Y, sendo Y o elemento afetado. Já o argumento 2 no exemplo 2, evoca o sentido de mudança física, mudança de aparência, ou seja, há uma ação desencadeada ou não por Y, que altera o visual de X. Há algo afetado, a alteração do visual.

Nos exemplos 3 e 4, o que imprime o sentido do verbo DAR é, também, o argumento 2. No exemplo 3, o sentido evocado pelo verbo

RAMOS, Maria Renilda Rodrigues Leal; LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. Trabalhando as variações de sentido do verbo *dar* no contexto da sala de aula. *Revista Intercâmbio*, v.XLVIII: 56-74, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

DAR corresponde a observar, cuidar em virtude do argumento 2 (na criança). Já no exemplo 4, o sentido evocado pelo verbo equivale a vistoriar, uma vez que o argumento 2 (no carro) nos remete a esse sentido

GRUPO 2 – O argumento 1 (termo à esquerda) e o argumento 2 (termo à direita) imprimem o sentido do verbo DAR.

1.A professora dá português e latim.

No exemplo 9 analisado neste trabalho, verificamos que os argumentos 1 e 2 imprimem o sentido do verbo DAR.

No exemplo 1, o verbo DAR no sentido de ministrar corresponde a ensinar, ministrar conhecimentos e esse sentido se deu em virtude do argumento 1 (a professora) e o argumento 2 (português e latim)

GRUPO 3 – O argumento 1 é definidor do sentido do verbo DAR em relação ao complemento – água na boca.

No exemplo 11 analisado, neste estudo, percebemos que o sentido apreendido pelo verbo DAR se deu em virtude do argumento 1.

Retomaremos ao exemplo para melhor esclarecimento acerca do sentido expresso nesta ocorrência:

1. O cheiro do churrasco me deu água na boca.

No exemplo 1, é o argumento 1 “O cheiro do churrasco” que imprime ao verbo DAR com o complemento, água na boca, o sentido de apetite, de salivar. É o cheiro do churrasco que provoca uma sensação gustativa em X. Significa dizer que o cheiro do churrasco é desencadeador de dar água na boca.

GRUPO 4 – O argumento 1 corresponde ao sujeito agentivo em relação aos argumentos 2 (algo aplicado e o elemento afetado).

Nos exemplos 10, 12 das análises feitas neste estudo verificamos que o sentido apreendido pelo verbo DAR se fez em torno dos argumentos 1 e 2. Retomaremos essas ocorrências para melhor explicitarmos:

1. O enfermeiro já deu o medicamento ao doente.
2. A enfermeira deu água na boca do doente.

Nos exemplos 1 e 2 há uma aproximação de sentido, pois existem um sujeito agentivo X que promove uma ação em relação a Y através de algo (Z). Em que X corresponde ao argumento 1 "o enfermeiro, a enfermeira" que provoca uma ação sobre o argumento 2 "ao doente, do doente" e ainda há algo no argumento 2 que é dado nas duas ocorrências "o medicamento, água na boca" em relação ao elemento afetado. Daí depreende-se que existe um argumento 1 (Sujeito agentivo) em relação aos argumentos 2 (algo que é dado, agente afetado pela ação).

Com base nos valores semânticos atribuídos ao verbo DAR, percebemos que os aspectos abordados no nosso estudo confirmam que os sentidos de uma unidade lexical não são preestabelecidos, mas construídos no e pelo enunciado em consonância com a TOPE.

Considerando os resultados dos valores semânticos atribuídos ao verbo DAR nos enunciados, compreendemos que:

- O valor do verbo DAR em determinadas ocorrências imprime seu sentido por meio do argumento 2 (termo à direita).
- O verbo DAR em outras ocorrências imprime o seu sentido por meio dos argumentos: 1 (termo à esquerda) e 2 (termos à direita: algo aplicado e um elemento afetado).
- O verbo DAR em outros enunciados imprime seu sentido por meio do argumento 1 (termo à esquerda).

As ocorrências analisadas em cada enunciado nos levam a apresentar as possibilidades de proximidades de valores semânticos em relação ao verbo DAR. Com base nesses pressupostos, buscamos uma identidade para o verbo DAR que nos leva a seguinte forma esquemática:

- O sentido do verbo DAR é estabilizado no enunciado por meio de um termo de valor semântico (argumento) que dá sustentação ao seu sentido. X pode ser o argumento de (Xa) e desenvolver, numa dada situação, a construção do sentido para ocorrência do verbo DAR com Xa1 (argumento 1), que se diferencia de uma outra construção com Xa2 (argumento 2), que se diferencia da construção Xa1a2 (argumentos 1 e 2).

Analisamos 12 enunciados extraídos do dicionário Priberam, Google e alguns exemplos nossos. A partir das reflexões desenvolvidas com todo *corpus* da pesquisa, propusemos outras estratégias de ensino-aprendizagem por meio de atividades didáticas elaboradas pelo professor, pautadas sempre em ampliar as experiências linguísticas do aluno. Estas

atividades podem ser desenvolvidas para os anos finais do ensino fundamental (8º e 9º anos).

Retomando a reflexão feita a partir dos enunciados que constituem o *corpus* deste estudo, o professor, considerando a linguagem em uso, pode apresentar os enunciados aos alunos e solicitar que operem substituições dos argumentos, sugerindo continuações lógicas, reconhecimento das ocorrências e que observem os sentidos surgidos em cada manipulação.

Com base em algumas reflexões acerca da semanticidade do verbo DAR, o professor pode elaborar alguns questionamentos que desencadeiem a participação de forma reflexiva por parte dos alunos. Atentemos:

1. Nos enunciados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 (E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8) o argumento 2 imprime os mesmos valores em cada par de enunciados?
2. Com base na resposta da questão 1, os pares de enunciados constroem os mesmos sentidos quando desenvolvem a relação de localização entre o verbo DAR e o termo à direita?
3. O argumento 2 interfere de forma diferente entre os pares dos enunciados? Justifique.
4. Nos enunciados 9 e 10 (E9, e10), o verbo DAR possui o mesmo sentido? Justifique.
5. Nos enunciados 11 e 12 (E11, E12), o termo: "água na boca" que fica à esquerda do verbo DAR imprime o mesmo sentido nos dois enunciados? Justifique.
6. É possível percebermos outros valores que podem ser extraídos da relação entre os termos dos E3, E4 e E7? Como isto é possível?

De acordo com as respostas dos alunos, outras situações surgirão e outros valores serão extraídos das relações entre o verbo DAR e os termos à direita e à esquerda. Isto será possível, pois por meio da aplicação de atividades, através da linguagem em uso, encontraremos muitos outros valores construídos a partir da reflexão desenvolvida pelos alunos com base nas perguntas elaboradas com o auxílio do professor.

5. Considerações finais

Através das análises desenvolvidas neste estudo, objetivamos colaborar com uma nova abordagem para o ensino do verbo DAR, voltada para os anos finais do ensino fundamental, quanto ao emprego gramatical aliado às situações comunicativas, isto é, o estudo das marcas gramaticais pautado em situações de uso que promova uma reflexão

acerca de uma abordagem polissêmica e sinonímica voltada para perspectiva da semântica construtivista. Nesse sentido, refletimos a linguagem em uso por meio da utilização das marcas em interação com a situação de construção do enunciado, isto é, o ambiente textual. Isso porque as marcas só estabilizam, momentaneamente, o sentido através da interação delas por meio de operações a partir de uma dada situação. Assim, a fim de que o ensino acerca do verbo DAR seja desenvolvido, oportunizando ao aluno acompanhar o processo ensino-aprendizagem por meio do movimento de construção e reconstrução de sentido a partir das relações construídas pelo contexto e refletindo a linguagem em uso e não em regras preestabelecidas no ensino focado no sentido preestabelecido, é que buscamos desenvolver o ensino do lexema verbal DAR em uma perspectiva, que prioriza a construção do sentido no escopo do ambiente textual, implementando uma identidade de sentido e não um sentido primeiro como se prega na polissemia.

Dessa forma, concluímos que, na TOPE, os sentidos não são estáticos, eles passam por mudanças, tudo se transforma, tudo se altera, de acordo com o contexto e cotexto, significa dizer que os sentidos passam por uma dinâmica de interação, sendo assim, o sentido num dado enunciado é provisório, pois o mesmo perpassa por novas mudanças, uma vez que a dinâmica da interação não se estabiliza. Cada cotexto e contexto resulta em um novo sentido, nada é preestabelecido nem pode ser cristalizado, pois o sentido de uma dada unidade linguística é dinâmico. Não sendo possível conceber a unidade como dotada de um sentido primeiro ou um sentido único, uma vez que este só se instaura no enunciado, frente a situação de enunciação e se desenvolve como o resultado de um processo de construção.

Nesse estudo, esteve presente a perspectiva construtivista, pois evidenciamos que as produções de sentidos desenvolvidas nas análises não surgem de maneira imprevista, mas são orientadas através das dinâmicas enunciativas, que definem seu funcionamento e determinam as possibilidades de significar de acordo com o cotexto no qual está inserido.

Os enunciados selecionados permitiram explicitar o funcionamento do verbo DAR, destacando as suas especificidades, bem como as determinações por ele conferidas aos termos com os quais compõe os enunciados.

Percebemos, ao final, com base no estudo desenvolvido com o verbo DAR, que esta unidade teve seu sentido atualizado, quando inserida em cotextos diferentes, pois a cada manipulação dos dados, novas variações ocorriam e nesta dinâmica de interação vimos seu sentido ser atualizado, uma vez que este não é dado ou definido *a priori*, mas sim construído localmente no e pelo enunciado.

RAMOS, Maria Renilda Rodrigues Leal; LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. Trabalhando as variações de sentido do verbo *dar* no contexto da sala de aula. *Revista Intercâmbio*, v.XLVIII: 56-74, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Referências bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://Basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em: 21 jun. 2020.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.: 106 p. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2020.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations* – Tome 1. Paris: Éditions Ophrys, 1990.

DAR. *Dicionário on line Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013*. Disponível em: <<http://dicionario.priberam.org/dar>>. Acesso em: 09 jul. 2019.

DAR. *Corpus do português*. Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: 08 jul. 2019.

FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

FRANCKEL, J. J. Referência, referenciação e valores referenciais. In: VOGUÉ, S. de; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: VOGUÉ, S. de; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, M. A. F. A construção de significação de ocorrências do adjetivo bom: identidade e variação. In: LIMA, M. A. F.; FILHO, F. A.; COSTA, C. de S. M. da. *Linguística e Literatura: percorrendo caminhos*. Teresina. EDUFPI, 2013.

VALENTIM, H. T. *Polissemia das formas ou construção de sentido no e pelo enunciado?* CLUNL – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa Projeto ENUNTIO, 2007, p.13-15 Disponível em: <https://clunf.unt.pt/wp-content./uptnads/sites12/2018/01/hv_pdf.pdf>. Acesso em: 17 nov.2020.

RAMOS, Maria Renilda Rodrigues Leal; LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. Trabalhando as variações de sentido do verbo *dar* no contexto da sala de aula. *Revista Intercâmbio*, v.XLVIII: 56-74, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

VALENTIM, H. T. *Predicação de existência e operações enunciativas*. Lisboa: Edições Calibri, 1998.

VOGÜÉ, S. de. A língua entre cognição e discurso. In: *Revista Calidoscópico*. V. 11. n. 2, p. 214-221. Maio/agosto. Unisinos, 2013. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.112.10/1967>>. Acesso em: 10 jan.2020.